

A MARCAÇÃO DO GÊNERO GRAMATICAL NO DIALETO DA BAIXADA CUIABANA: PRIMEIRAS REFLEXÕES

Rachel do Valle Dettoni, *Universidade de Brasília*

Introdução

A literatura relativa à discussão dos processos de criouliização e pidginização que ocorrem nas línguas aponta, entre outros, a concordância de gênero como um dos mecanismos gramaticais que são afetados quando um desses processos está em jogo.

Apesar de a variação na concordância de gênero não ser registrada na maior parte das variedades regionais do português do Brasil, a sua ocorrência na fala de algumas poucas comunidades brasileiras, como em Helvécia e no português de contato do Parque Nacional do Xingu (Lucchesi, 1998 e Lucchesi e Macedo 1997), tem-se constituído em um forte argumento em defesa da hipótese da criouliização prévia da nossa língua.

Neste trabalho, focalizo a variação na concordância de gênero no sistema pronominal de terceira pessoa no dialeto falado na Baixada Cuiabana, em Mato Grosso, refletindo sobre a possibilidade de esse fenômeno constituir, tal como em Helvécia, um argumento a favor da criouliização.

Contextualizando a questão

O processo de colonização do Mato Grosso teve início no século XVIII com as expedições desbravadoras dos bandeirantes paulistas. A descoberta de ouro na região central da capitania levou, em 1719, à fundação da Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá. Em 1722, a descoberta das Lavras do Sutil na mesma região, que hoje corresponde à capital Cuiabá, desencadeou intenso movimento migratório para Mato Grosso, levando, para lá, sertanistas de São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Piauí, Maranhão e, com eles, muitos negros que se ocupavam do trabalho nas minas de ouro em outras regiões do Brasil.

Em decorrência desses fatos histórico-sociais, configurou-se, naquela região, um panorama lingüístico de intenso e variado contato. Conviveram, naquele cenário e naquela época, a língua geral paulista dos bandeirantes, várias línguas indígenas dos nativos da região, o português falado pelos migrantes sertanistas que para lá se deslocaram em busca de ouro e diamantes, a variedade castelhana da fronteira com Paraguai e Bolívia e a variedade do português falada pelos negros. Sendo assim, não se pode negar que o panorama lingüístico e social de Mato Grosso no período colonial apresentava as condições ideais para o desenvolvimento de processos de criouliização.

Os trabalhos recentes que têm como objeto de estudo a variedade falada na região da capital de Mato Grosso têm focalizado sobretudo os aspectos fonológicos do dialeto. O primeiro deles, que é o trabalho de Souza (1999), defende que os traços fonológicos típicos do linguajar cuiabano remetem à presença de traços criouliizantes "trazidos pelos negros vindos das regiões canavieiras e mineradoras" (Souza, op.cit:161). O segundo

trabalho, o de Almeida (2000), explica os mesmos fatos fonológicos analisados por Souza na perspectiva de uma conservação de traços de língua antiga, apoiando-se em uma consulta detalhada feita em documentos notariais do século XVIII.

Temos, então, até o momento, duas hipóteses explicativas para os traços lingüísticos que caracterizam a variedade do português falada na Baixada Cuiabana e que a distinguem dos demais falares regionais do Brasil: a hipótese de um processo de criouliização com influências de substrato africano e a de uma conservação de traços que estavam presentes no português do colonizador que aqui chegou em tempos passados.

No nível morfossintático, um dos aspectos que caracterizam essa variedade do português é a variação na concordância de gênero, que pode ocorrer no interior do sintagma nominal ("aquele argola bonito", "barba branco"), na relação sujeito/predicativo ("minha mãe era vivo", "esta mão tava bobo") e no sistema dos anafóricos de terceira pessoa ("minha mãe chamava Maria Bernarda de Campos, aí ele casô co papai e passô nome dela co nome de papai").

Neste trabalho, apresento uma análise preliminar da variação de gênero nos anafóricos. Trata-se do início de uma reflexão sobre a morfossintaxe do gênero no dialeto da Baixada Cuiabana, fenômeno que parece revestir-se de uma complexidade ainda não totalmente abarcada.

A análise dos dados

O trabalho de Corbett (1991) revela o grau de complexidade e a diversidade de formas pelas quais as línguas do mundo fazem a indicação do gênero gramatical das palavras.

No português, a abordagem tradicional dada a esse tópico, em princípio um tanto confusa, foi reorganizada por Câmara Júnior (1970) de maneira que, grosso modo, os mecanismos de atribuição do gênero gramatical resumem-se em: 1. acréscimo do morfema -a de feminino (ou de um dos seus alomorfes) ao radical da forma masculina; 2. anteposição do artigo masculino ou feminino o/a à forma que se deseja usar.

A distinção masculino/feminino se estende aos anafóricos de terceira pessoa, como se pode depreender da seguinte afirmação de Said Ali (1969): "MASCULINO é todo nome a que se pode antepor o artigo o, ou juntar qualificativos terminados em -o, e é substituível pela palavra ele. FEMININO é o nome a que se antepõe o artigo a, ou a que se juntam qualificativos terminados em -a, e pode ser substituído por ela."

Na variedade do português falada na Baixada Cuiabana, essa regra não funciona nos termos acima apresentados. Em princípio, a distinção ele/ela parece não existir para os nomes femininos, de modo que estes últimos ora são substituídos por ela, ora por ele. Por outro lado, os nomes masculinos só são substituíveis por ele.

Por que razão a gramática deste dialeto escolheria a forma menos marcada do português, o masculino, para fazer referência a nomes femininos? A investigação inicial desse fenômeno foi motivada pela hipótese de que a forma masculina ele estaria sendo usada para substituir, em uma relação anafórica, nomes que apresentassem o traço [-humano, +/- animado]. Assim, toda referência a nomes femininos de animais, objetos, plantas, etc estaria favorecendo o uso de ele, sugerindo uma gramática que apresentasse, além do masculino e do feminino, um gênero neutro.

Com uma amostra inicial de 83 dados colhidos da fala de três informantes nascidos e residentes na Baixada Cuiabana, todos com mais de setenta anos e com escolaridade máxima de 4ª série do Ensino Fundamental, procurei dar ao fenômeno um tratamento quantitativo de acordo com o modelo teórico da Sociolinguística Variacionista (Labov 1972 e 1982), utilizando o pacote de programas VARBRUL (Pintizuk 1988; Sankoff 1988).

A variável dependente foi definida, em termos binários, em função do anafórico masculino ou feminino selecionado pelo falante para se referir a um nome feminino, conforme os exemplos abaixo:

“Esse raiz de São João curtido na pinga, esse eu usei ele.”

“...porque num era meu a terra, que ela era de meu irmão”

Para verificar a validade da hipótese formulada, foi estabelecida uma variável linguística que permitisse classificar os referentes quanto ao grau de animacidade, distribuídos em referentes com o traço [+humano], referentes com o traço [-humano, +animado] e referentes com o traço [-humano, -animado].

Seguindo a indicação de análises anteriores (Lucchesi 1999), foi estabelecida também uma variável linguística relativa à função sintática do anafórico na estrutura frasal a fim de averiguar se o uso do anafórico masculino estaria sendo favorecido por alguma função sintática em especial. Foram discriminadas as funções de sujeito, objeto direto, objeto indireto, agente da passiva e tópico frasal.

Nos 83 dados da amostra, foram computados 29 usos do anafórico masculino e 54 do feminino. A hipótese inicial de que a forma masculina estaria ocorrendo prioritariamente como referência a nomes com o traço [-humano, +/-animado] não se confirmou. A idéia de que a gramática desse dialeto comportaria um gênero neutro nos termos da hipótese formulada, ou pelo menos um vestígio de neutro, não pôde ser sustentada, mesmo porque os primeiros resultados indicaram que, contrariamente ao suposto, a maior parte das ocorrências do anafórico masculino se deu na referência a pessoas (35% das ocorrências), ou seja, nomes com o traço [+humano]. Vejam-se os seguintes exemplos:

“No meu tempo, eu tinha uma namorada lá no sítio, nós era de um sítio só, vizinho...vizinho de Rosa...e ele encarnou no mim.”

“Tinha uma senhora..vizinho..ele era este:: desquitado.”

Com os primeiros resultados, os pontos percentuais indicavam que os dados classificados com o traço [-humano, +animado] não estavam favorecendo o uso do anafórico masculino. Por esta razão, estes foram isolados, permanecendo, então, 72 dados codificados de acordo com os traços [+humano, +animado] e [-humano, -animado]. Os dados foram reanalisados e uma observação mais detalhada permitiu levantar a hipótese de que havia uma maior frequência de uso do anafórico masculino quando as pessoas referidas eram citadas nominalmente, ou seja, a presença de um nome próprio como antecedente favorecia a escolha da forma masculina por alguma razão, como ilustram os seguintes exemplos:

“Maria do Rosária era madrinha dele e fazia chinelinho pra nós co pé..ele fazia chinelo, né, de homem, de mulher..fazia, ele fazia tudo quanto era troço.”

“Maria é a palma de minha mão! Se ele sai daqui quebra uma perna meu.”

Feita essa observação, os dados foram submetidos a uma segunda rodada pelo programa estatístico, com a inclusão, na variável relativa ao grau de animacidade do referente, da classificação [+humano, +nome próprio] em oposição a [+humano, -nome próprio]. Os resultados, em pontos percentuais, indicaram um favorecimento significativo do uso do anafórico masculino com a presença de um nome próprio (52 %). Os outros traços favorecem o uso da forma feminina (75%). A relação entre a presença de um nome próprio e o uso do anafórico masculino merece ser melhor investigada, mas, de imediato, percebe-se que, no dialeto em estudo, os nomes próprios não costumam vir acompanhados de artigos, como em ‘o João’ ou ‘a Maria’, o que determinaria, com mais precisão, o gênero gramatical do termo usado. Por outro lado, quando as pessoas referidas são indicadas por outras expressões com o traço [+humano] e que apresentam um traço de gênero semântico ou gramatical, como ‘madrinha’, ‘namorada’, ‘professora’, etc, estas sempre vêm acompanhadas de um determinante feminino, como se vê em:

“Mia mãe era trabalhadeira, ela ia na roça trabalhava iguar co home, sabe?”

“Sua avó num falô com você? Uai, mas ela é de minha idade, ela foi moça de meu tempo.”

A presença ou não de determinantes femininos associada ao uso de nomes próprios parece ser um ponto de investigação significativo para uma melhor compreensão da morfossintaxe do gênero no dialeto da Baixada Cuiabana, uma vez que outros dados que envolvem essas características também determinam escolhas de formas masculinas. É, por exemplo, o que se verifica em:

“Eu morei, conheço um pouco, Cuiabá ainda era muito pequeno quando eu fui pra lá, num tava no...olha, eu vô falá pro cê, quando eu fui pra Cuiabá, Cuiabá num tava desenvolvido.”

Nesse exemplo, o fato de a informante usar as formas masculinas ‘pequeno’ e ‘desenvolvido’ para caracterizar Cuiabá parece estar relacionada à idéia subjacente de lugar, ou seja, ‘Cuiabá era um lugar pequeno’. Se a idéia estivesse centrada em cidade, é muito provável que as formas femininas ‘pequena’ e ‘desenvolvida’ fossem as escolhidas. Nesse caso estamos lidando com o fenômeno da referência, e as escolhas possíveis permanecem no âmbito do falante. Por outro lado, há a presença de um nome próprio, cuja função específica é referir, e que não possui um gênero inerente. Constituiriam os nomes próprios, no dialeto em estudo, uma classe neutra que determinaria, por isso mesmo, a seleção da forma menos marcada nos qualificativos e anafóricos a eles relacionados? A resposta a essa questão requer uma análise que examine, de modo mais detalhado, as relações de referência dos nomes próprios nesse dialeto, além de necessitar de um maior número de dados que possam constituir uma amostra mais significativa para que conclusões mais definitivas sejam alcançadas.

Um último aspecto a ser destacado nessa análise quantitativa diz respeito à variável lingüística relativa à função sintática do anafórico. Em uma primeira rodada, os percentuais relativos às funções de agente da passiva e tópico frasal não indicavam, para estas funções, nenhum tipo de favorecimento específico, mesmo porque, nesta amostra inicial, houve apenas uma ocorrência de cada uma delas. Num segundo momento, em que foram testadas as posições de sujeito, objeto direto e objeto indireto, os resultados indicaram a posição de sujeito como a que mais favorece o uso do anafórico masculino (38%). Pode-se mesmo falar em um índice decrescente de favorecimento na ordem sujeito > objeto direto > objeto indireto (38%, 29% e 17%).

Conclusão

A análise aqui apresentada serviu para indicar alguns aspectos que merecem ser melhor considerados na continuidade desse estudo sobre a morfossintaxe do gênero no dialeto da Baixada Cuiabana a fim de que conclusões mais seguras possam ser alcançadas. Por se tratar de uma análise inicial, com um número de dados reduzido para este tipo de investigação, os resultados ora alcançados são passíveis de alterações se incorporados a uma amostra mais significativa. Cabe ainda ressaltar que, na continuidade da análise, serão incorporados dados da fala de informantes mais jovens com escolaridade máxima de 1º Grau, a fim de serem também testados os fatores sociais faixa etária e grau de escolarização. A hipótese da presença de um gênero neutro para os referentes com o traço [-humano, +/- animado] também será mantida para nova investigação.

Quanto ao fato de ser esse fenômeno resultante de um processo de crioulização, é uma afirmação que não considero prudente confirmar nesse momento, considerando a fase inicial em que se encontra esse estudo.

Os trabalhos que têm discutido a variação na concordância de gênero como um vestígio de crioulização ou pidginização não tratam desse fenômeno com relação aos anafóricos, limitando-se a apresentar a questão no interior do sintagma nominal ou na relação sujeito/predicativo. Se isso estiver indicando que o uso variável dos pronomes de terceira pessoa, no que diz respeito ao gênero, não ocorre nessas outras variedades pesquisadas, estamos diante de um caso singular no português do Brasil.

Os estudos relativos a Helvécia e ao português de contato do Alto Xingu, anteriormente citados, têm sustentado uma argumentação a favor da crioulização. Por outro lado, registros de flutuação na concordância de gênero no sintagma nominal e na relação sujeito/predicativo também são apontados por Naro & Scherre (2000) no português europeu não-padrão ("Só tem as raízes enterrado na carne") e por Callou (1998) na comunidade de Mato Grosso ("as coisa muito barato" e "eu vim de lá pequeno"), cuja população, segundo a autora, é composta de brancos de "ascendência portuguesa pura" (Callou, op. cit: 262).

Em trabalho recente, Carrilho (2000) apresenta um estudo sobre a presença, em dialetos do português europeu, de um uso de ele como expletivo preenchendo a posição de sujeito em estruturas de sujeito nulo do português. Os dados apresentados pela autora, como "ele chove tanto!", "vou-me, que ele já é tarde" e "ele está calor" (op.cit: 5) mostram a semelhança entre esse ele não-referencial e os pronomes neutros que, em línguas como o Francês e o Inglês, requerem obrigatoriamente um sujeito sintático em estruturas impessoais, como em "il pleut tout le temps" e "it is raining". Este é, até o momento, o único vestígio de um ele

neutro em estruturas do português, mas não se assemelha em nada ao uso que se faz do pronome referencial de terceira pessoa no dialeto cuiabano. Portanto, uma explicação deste último como conservação de traços do português de ultramar parece pouco viável.

Um caminho possível é tentar avaliar, num próximo passo, a hipótese de uma contribuição de línguas indígenas no dialeto da Baixada Cuiabana, uma vez que estas últimas, em geral, não exibem mecanismos de atribuição de gênero como o fazem as línguas indo-europeias. Além disso, a história social e a situação demográfica de Mato Grosso justificam esse procedimento.

Referências

- Almeida, Manoel Mourivaldo S. 2000. *Aspectos fonológicos do português falado na Baixada Cuiabana: traços de língua antiga preservados no Brasil (manuscritos da época das Bandeiras - século XVIII)*. Tese de Doutorado inédita, São Paulo: USP.
- Ali, M.Said (1969). *Gramática secundária da língua portuguesa*. 8.ed. São Paulo: Melhoramentos.
- Baxter, Alan N. & Dante Lucchesi. 1997. A Relevância dos processos de pidginização e crioulização na formação da língua portuguesa no Brasil. In: *Revista de Estudos Lingüísticos e Literários*, nº 19, UFBA, mar/97, pp.65-83.
- Callou, Dinah Maria I. 1998. Um estudo em tempo real em dialeto rural brasileiro: questões morfossintáticas. In: Grosse, Sybille & Klaus Zimmermann (orgs.). "*Substandard*" e mudança no português do Brasil. Frankfurt am Main: TFM, pp. 255-272.
- Câmara Jr., Joaquim Mattoso. 1970. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes.
- Corbett, Greville. 1991. *Gender*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Labov, William. 1972. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- _____. 1982. Building on Empirical Foundations In: Lehmann, W.P. & Y. Malkiel (orgs.). *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins, 17-92.
- Lucchesi, Dante & Alzira Macedo. 1997. *A variação na concordância de gênero no português de contato do Alto Xingu Pápiá* 9.20-36.
- Lucchesi, Dante. 1998. A constituição histórica do português brasileiro como um processo bipolarizador: tendências atuais da mudança nas normas culta e popular. In: Grosse, Sybille & Klaus Zimmermann (orgs.). "*Substandard*" e mudança no português do Brasil. Frankfurt am Main: TFM, pp.73-99
- Naro, Anthony Julius & Maria Marta P. Scherre. 2000. Garimpando as origens estruturais do português brasileiro. Trabalho inédito a ser publicado nas *Actas do Congresso Internacional "500 anos de língua portuguesa no Brasil"*. Portugal, Universidade de Évora, maio de 2000.
- Pintzuk, Susan. 1988. VARBRUL programs.
- Sankoff, David. 1988. Variable rules. In: Ammon, Ulrich; Norbert Dittmar & Klaus Mattheier (orgs.) *Sociolinguistics - An international handbook of the science of language and society*. Berlin/ New York, Walter de Gruyter, pp.984-98.
- Souza, Uliadete Rodrigues de. 1999. *Fonologia do português mato-grossense: uma perspectiva criolística*. Dissertação de Mestrado inédita, Brasília: UnB.